

MOTIVAÇÕES, RISCOS E FATORES ASSOCIADOS À AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

MOTIVATIONS, RISKS AND FACTORS ASSOCIATED WITH SELF-MEDICATION
IN UNIVERSITY STUDENTS

MOTIVACIONES, RIESGOS Y FACTORES ASOCIADOS CON LA
AUTOMEDICACIÓN EN ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS

Beatriz Naves de Oliveira¹, Isadora Cristine Pereira Marques², Akemy Caroline Montalvão Santos³, Jaqueline Gleice Aparecida de Freitas⁴

DOI: 10.54899/dcs.v23i87.4590

Recibido: 10/01/2026 | Aceptado: 06/02/2026 | Publicación en línea: 12/02/2026.

RESUMO

A automedicação é a utilização de fármacos sem prescrição médica, abrangendo tanto os medicamentos sujeitos a receita como os de venda livre. A automedicação entre os estudantes universitários é uma prática frequente e preocupante, que pode estar relacionada a diversos fatores, como o estresse acadêmico, a falta de tempo, a facilidade de acesso aos medicamentos e a influência familiar e social. Dessa forma o objetivo da pesquisa foi identificar as motivações, riscos e fatores que levam a automedicação em estudantes universitários. Foi realizado um estudo descritivo, realizado em uma instituição de ensino superior pública no estado de Goiás. A população estudada foi acadêmicos matriculados nos cursos de Educação Física e Fisioterapia, de ambos sexos. Os acadêmicos responderam a um questionário online criado na plataforma *Google Forms*, anônimo, individual e divulgado através dos canais de comunicação dos alunos da universidade. Em seguida foi realizada a análise das variáveis categóricas apresentadas pela frequência absoluta e percentual. Participaram da pesquisa 91 acadêmicos e desses 79 (86, 8%) realizam automedicação, sendo a prevalência maior no sexo feminino, tendo como principal motivação a dor, o que torna os medicamentos analgésicos os mais consumidos na população acadêmica. A automedicação é um problema de saúde pública, dessa forma é imprescindível que sejam realizadas ações educativas em saúde ainda durante a graduação como forma de alerta para os riscos dessa prática.

Palavras-chave: Educação Superior. Estudantes. Medicamentos sem Prescrição. Universidade. Brasil.

¹ Graduanda em Fisioterapia, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: beatriznaves046@gmail.com

² Graduanda em Fisioterapia, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: isadoracristinep@gmail.com

³ Graduanda em Fisioterapia, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: akemycaroline1234@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Saúde, Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil.
E-mail: jaqueline.freitas@ueg.br

ABSTRACT

Self-medication is the use of drugs without a prescription, including both prescription and over-the-counter medications. Self-medication among university students is a frequent and worrying practice, which may be related to several factors, such as academic stress, lack of time, easy access to drugs, and family and social influence. Thus, the objective of this study was to identify the motivations, risks, and factors that lead to self-medication among university students. A descriptive study was conducted at a public higher education institution in the state of Goiás. The study population consisted of students enrolled in Physical Education and Physical Therapy courses, of both sexes. The students responded to an anonymous, individual online questionnaire created on the Google Forms platform and disseminated through the university's student communication channels. Next, the categorical variables were analyzed by absolute frequency and percentage. Ninety-one students participated in the survey, and of these, 79 (86.8%) self-medicate, with a higher prevalence among females, whose main motivation is pain, making analgesics the most commonly consumed drugs among the student population. Self-medication is a public health issue, so it is essential that health education initiatives are carried out during undergraduate studies to raise awareness of the risks of this practice.

Keywords: Higher Education. Students. Over-the-Counter Drugs. University. Brazil.

RESUMEN

La automedicación es el uso de fármacos sin receta médica, incluyendo tanto los medicamentos sujetos a prescripción como los de venta libre. La automedicación entre los estudiantes universitarios es una práctica frecuente y preocupante, que puede estar relacionada con diversos factores, como el estrés académico, la falta de tiempo, la facilidad de acceso a los medicamentos y la influencia familiar y social. Por lo tanto, el objetivo de la investigación fue identificar las motivaciones, los riesgos y los factores que llevan a la automedicación en los estudiantes universitarios. Se realizó un estudio descriptivo en una institución de enseñanza superior pública del estado de Goiás. La población estudiada fue la de estudiantes matriculados en los cursos de Educación Física y Fisioterapia, de ambos sexos. Los académicos respondieron a un cuestionario en línea creado en la plataforma Google Forms, anónimo, individual y difundido a través de los canales de comunicación de los estudiantes de la universidad. A continuación, se realizó el análisis de las variables categóricas presentadas por frecuencia absoluta y porcentaje. Participaron en la investigación 91 estudiantes, de los cuales 79 (86,8 %) se automedican, siendo la prevalencia mayor en el sexo femenino, teniendo como principal motivación el dolor, lo que hace que los analgésicos sean los medicamentos más consumidos en la población estudiantil. La automedicación es un problema de salud pública, por lo que es imprescindible llevar a cabo acciones educativas en materia de salud durante la carrera universitaria como forma de alertar sobre los riesgos de esta práctica.

Palabras clave: Educación Superior. Estudiantes. Medicamentos sin Receta. Universidad. Brasil.



Esta obra está bajo una [Licencia Creative Commons Atribución- NoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

INTRODUÇÃO

Os medicamentos são produtos farmacêuticos, tecnicamente obtido ou elaborado, com finalidade profilática, curativa, paliativa ou para fins de diagnóstico. São divididos em duas grandes categorias de acordo com a forma de obtenção: sujeitos à prescrição e sem prescrição de um profissional habilitado. Essa distinção é baseada na necessidade de acompanhamento médico ou não para utilização. Os medicamentos que são sujeitos à prescrição médica são indicados para tratar doenças mais graves ou condições crônicas que exigem supervisão médica contínua. Já os conhecidos como Medicamentos Isentos de Prescrição (MIPs) são usados para tratar problemas de saúde mais simples, como dor de cabeça, febre ou resfriados. Podem ser comprados diretamente em farmácias sem a necessidade de receita médica. Ambos os grupos de medicamentos não podem ser obtidos e utilizados sem a orientação do profissional farmacêutico (Anvisa, 2020).

A prática inapropriada de utilização de medicamentos caracterizada pela autosseleção e autoadministração de medicamentos para tratar doenças ou condições autodiagnosticadas é denominada automedicação. Essa prática é considerada um dos principais aspectos do autocuidado e é um comportamento comum a diversas populações e culturas; porém, o uso abusivo dos medicamentos via automedicação torna-se um problema de saúde pública (OMS, 1998).

De acordo com Lima *et al* (2022), a prática da automedicação tem sido amplamente estudada em diferentes países, grupos etários, profissionais da saúde e universitários. Diversos fatores estão relacionados à prática da automedicação entre estudantes universitários, como acessibilidade informal aos medicamentos, longa evolução clínica da doença, exposição às mídias sociais, falta de tempo, custo da consulta médica, estilo de vida, inacessibilidade dos serviços de saúde, longa espera para consulta, experiência anterior e sensação de ter as informações necessárias para automedicação (Rabelo César *et al.*, 2022, Ferreira *et al.*, 2021).

No entanto, a Organização Mundial da Saúde (OMS), alerta que a prática da automedicação pode resultar no uso inadequado ou abuso de medicamentos aumentando os riscos potenciais à saúde. Além disso, pode resultar em reações adversas graves com consequências fatais, interações medicamentosas, surgimento da resistência microbiana, diagnóstico e tratamento incorretos, abuso e dependência (OMS, 2000).

No contexto da área da saúde, a automedicação se faz presente nos níveis acadêmicos e profissionais que buscam evitar estresse, insônia, alívio de dores e ansiedade. Os futuros

profissionais da área da saúde e os que já atuam deveriam utilizar os medicamentos de forma racional para não refletir futuramente nos seus próprios pacientes (MORAIS *et al.*, 2018).

Diante do exposto o objetivo da pesquisa foi identificar as motivações, riscos e fatores que levam a automedicação em estudantes universitários.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, realizado na Universidade Estadual de Goiás (UEG), instituição de ensino superior pública no estado de Goiás, localizada no Município de Goiânia. A população estudada foi acadêmicos matriculados nos cursos de Educação Física e Fisioterapia.

Os critérios de inclusão foram os acadêmicos de ambos sexos, matriculados nos cursos previamente citados e que aceitaram participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi considerado critério de exclusão participantes menores de 16 anos.

A pesquisa aconteceu entre o período de outubro e novembro de 2022, por meio de questionário online criado na plataforma *Google Forms*, anônimo, individual e divulgado através dos canais de comunicação dos alunos da universidade. O formulário online foi dividido em três etapas: TCLE, questões sociodemográficas e questões referente a automedicação.

O TCLE foi apresentado na página inicial do formulário online, detalhando o objetivo da pesquisa e preceitos éticos, além de esclarecer que a não participação não acarretaria prejuízo. Ao final dessa descrição, a(o) participante respondia se concordava ou não em participar do estudo. Somente após manifestar seu pleno acordo, poderia avançar para o primeiro grupo de questões do formulário. Caso assinalasse que não concordava com os termos do estudo, a participação era encerrada sem nenhum prejuízo.

Em seguida os dados foram organizados em tabelas no *Excel*, onde foi realizada a análise das variáveis categóricas apresentadas pela frequência absoluta e percentual.

Essa pesquisa foi executada de acordo com as normas da Resolução nº 674 de 6 de maio de 2022 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), após ser aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) sob o número do parecer 5.767.964.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Participaram do estudo 91 estudantes universitários, sendo que a maior parte da amostra tem entre 17-20 anos (54,9%) e do sexo feminino (57%). Cinquenta e três (58,2%) participantes da amostra possuem pele branca, 30 (33%) pardos e 8 (8,8%) negros. Grande parte da amostra alega morar com outras pessoas (82, 4%) e apenas 17,6% moram sozinhos. Quando perguntado a respeito da renda mensal dos participantes foi encontrado que 47,2% não possuem renda própria, 26, 4% tem renda maior ou equivalente a um salário mínimo e 26, 4% renda menor que um salário mínimo. Referente a graduação a maior parte da amostra era discente do curso de Fisioterapia 61,5% (n=56) e 38, 5% (n= 35) do curso de Educação Física (Tabela 1).

Tabela 1- Características sociodemográficas dos estudantes universitários (n=91) de uma instituição pública de Goiânia- GO (2022).

Características		N	%
Idade	17-20 anos	50	54,9
	21-24 anos	26	28,6
	25-27 anos	5	5,5
	28-29 anos	4	4,4
	+30 anos	6	6,6
Sexo	Femino	52	57
	Masculino	39	43
Raça	Branco	53	58,2
	Pardo	30	33
	Negro	8	8,8
Moradia	Família	75	82,4
	Sozinho	16	17,6
Renda	Não possui	43	47,2
	Maior ou igual um salário mínimo	24	26,4
	Menor que um salário mínimo	24	26,4
Graduação	Fisioterapia	56	61,5
	Educação Física	35	38,5

Fonte: Elaborado pelos autores

Entre os universitários que aceitaram participar da pesquisa, 86, 8% (n= 79) fazem uso de medicamentos sem indicação médica e apenas 13,2% (n=12) não se automedicam. Dentro desse contexto foi encontrado que a maioria dos indivíduos que se automedicam é do sexo feminino 62% (n=49) e 38% (n=30) sexo masculino. Esses dados encontrados na pesquisa se entrelaçam com os resultados do estudo de Barros *et al.* (2019), em que 72,3% da amostra que realizavam automedicação era de mulheres, devido maior autocuidado com a saúde e melhor percepção dos sintomas e do corpo, acabam fazendo uso de medicamentos sem aconselhamento, na maior parte dos casos, em relação aos homens. A quantidade de adultos jovens com idade entre 18 a 65 anos que se automedicam está em ascensão. A prevalência no sexo feminino é evidente, devido a maior preocupação com a saúde e percepção física e emocional, com destaque para os sintomas do ciclo menstrual e o uso de anticoncepcional (Moreira de Barros *et al.*, 2019; Aljinović-Vučić, 2025).

Quando interrogados como obtinham o medicamento, as respostas foram: “Recomendações de conhecidos ou balconistas de farmácia” (20,3%); “farmacinha caseira” (40,2%), sugestões de amigos ou familiares (32%), “Informações/recomendações médicas de sites e blogs” (2, 5%); na opção “Outros” 4 (5,0%) participantes responderam “Conhecimento breve sobre alguns medicamentos”.

Ao questionar sobre os principais sintomas que podem levar a automedicação os participantes poderiam selecionar todos os itens que representassem os sintomas que os levam a automedicação, sendo assim o número de respostas é maior (n=366) que o número de participantes (n=79). Diante disso 62 % (n= 49) dos participantes marcaram de um a três sintomas e 38 % (n= 30) participantes mais de três sintomas.

Os itens mais assinalados foram listados em ordem de maior resposta com o correspondente a porcentagem e número de respostas dos participantes: Cefaleia com 15,3% (n= 56); Dor muscular 12,6 % (n= 46); Febre 12, 6% (n= 46); Cólicas 11,2% (n= 41); Tosse 10,4% (n= 38); Reação alérgica 9,8% (n= 36); Congestão nasal 9,3% (n= 34); Coriza 7,4 % (n= 27); Azia 7,1 % (n=26); Ansiedade 3,0% (n= 11) e Constipação 1,4 % (n= 5) (Tabela 2).

Tabela 2- Sintomas que levam os estudantes universitários a prática da automedicação (n= 79), Goiânia – GO (2020)

	N	%
Cefaleia	56	15,3
Dor muscular	46	12,6

Febre	46	12,6
Cólicas	41	11,2
Tosse	38	10,4
Reação alérgica	36	9,8
Congestão nasal	34	9,3
Coriza	27	7,4
Azia	26	7,1
Ansiedade	11	3,0
Constipação	5	1,4

Fonte: Elaborado pelos autores

Já nas classes de medicamentos utilizados os participantes poderiam selecionar todos os itens que representassem, sendo assim o número de respostas é maior (n= 290) que o número de participantes (n=79). Diante disso, 49,3 % (n= 39) dos participantes marcaram de um a três motivos e 50,6 % (n= 40) participantes mais de três motivos. Os itens adicionados ao formulário estão listados em ordem de maior resposta com o correspondente a porcentagem e número de respostas dos participantes: Analgésico 22,4% (n=65); Antigripais 14,5 % (n=42); Anti-inflamatórios 14,1% (n= 41); Antihistamínico 10,0% (n= 29); Antiácido 8,6% (n= 25); Expectorantes 7,2% (n= 21); Descongestionantes 6,9% (n=20); Suplementos alimentares 5,9% (n= 17); Antibióticos 5,5% (n= 16); Anticoncepcional 4,1% (n= 12); Outros 0,7% (n=2) (Tabela 3).

Cada uma dos itens possuíam exemplos de substâncias medicamentosas que estavam sendo consideradas em cada uma das categorias sendo elas: Analgésicos (Dipirona, Doril, Lisador, Engov, Doralgina, Neosaldina, Novalgina, Paracetamol, Buscopan); Antigripais (Benegrip, Cimegripe, Coristina D, Resfenol, Multigrip); Anti-inflamatórios (Aspirina, Nimesulida, Piroxicam, Ibuprofeno); Anti-histamínico/ Antialérgicos (Histamin, Polaramine, Allegra, Prometazina, Bilastina); Antiácido (Sal de Fruta ENO, Estomazil, Gastrogel, Luftal); Expectorantes (Xaropes, Chás, Vick Vaporub); Descongestionantes Nasal (Neosoro, Rinosoro); Suplementos alimentares (Vitaminas para imunidade (C e D), Vitaminas B1 e B12, Ômega 3, Poli Vitamínicos); Antibióticos (Amoxilina, Azitromicina, Ampicilina, Penicilina) e Anticoncepcional (Qlaira, Lumi, Ciclo 21, Tamisa, Pílula do dia seguinte).

A utilização de medicamentos por conta própria é multifatorial, seja com o início de dores

repentinamente e procura por alívio imediato ou por dificuldades de acesso ao serviço médico, público ou particular. Muitos se influenciam pelo próprio conhecimento a respeito do efeito do medicamento, indicações de familiares ou amigos, uso de prescrição antiga para adquirir novos e acessibilidade nas redes farmacêuticas. No caso de estudantes, a motivação ocorre principalmente em semanas de provas, em que o consumo e venda de estimulantes e calmantes crescem (Matos *et al.*, 2018; Alomoush *et al.*, 2024).

Tabela 3- Medicamentos que os estudantes universitários (n=79) utilizam na automedicação, Goiânia – GO (2020)

	N	%
Analgésico	65	22,4
Antigripais	42	14,5
Anti-inflamatórios	41	14,1
Antihistamínico	29	10
Antiácido	25	8,6
Expectorantes	21	7,2
Descongestionantes	20	6,9
Suplementos alimentares	17	5,9
Antibióticos	16	5,5
Anticoncepcional	12	4,1
Outros	2	0,7

Fonte: Elaborado pelos autores

Na pesquisa realizada por Ferreira *et al.* (2021), também verificaram que os principais sintomas que levaram a automedicação foram: dores musculares, dores articulares, gripes, resfriados, azia, cólica abdominal, diarreia e efeitos gastrointestinais. Sendo os que medicamentos analgésicos/ antitérmicos representaram 50% do uso, seguida por 35% de anti-inflamatórios não esteroidais, 4% antibacterianos de uso sistêmico, 4% antigripais e outros medicamentos.

Os analgésicos e anti-inflamatórios são substâncias frequentemente utilizadas (SOUZA *et al.*, 2020). Um estudo realizado na Índia e outro na Arábia Saudita apontaram o paracetamol como os analgésicos mais utilizados para alívio rápido da dor (Chindhalore; Dakhale; Giradkar, 2020; Elghazaly *et al.*, 2023). Quando os acadêmicos marcaram outros medicamentos acreditava-se que seja psicótropicos porque de acordo com várias pesquisas realizadas o ambiente acadêmico

é cercado de estresse, cobrança e incertezas dos estudantes quanto ao futuro (De Freitas *et al.*, 2014; Andrade *et al.*, 2025)

O consumo indiscriminado de medicamentos por vontade própria sem orientação médica, pode acarretar diversos riscos à saúde. Como por exemplo, a falta de conhecimento sobre os efeitos colaterais que podem ter os medicamentos que estão utilizando, dependência química no uso demasiado de psicotrópicos, pode afetar outro órgão ou sistema, alergia, interação medicamentosa quando se faz uso de dois ou mais medicamentos de uma vez, podendo gerar intoxicação e em último caso overdose. Com o desaparecimento temporário dos sintomas, pode ocasionar atraso no diagnóstico e tratamento correto de doenças potencialmente graves (Ylärautio; Sissalo; Leikola, 2020).

Quando questionados a respeito das doses para alívio dos sintomas para grande maioria dos participantes (62 %) “Apenas um comprimido/cápsulas” é suficiente; 34,2% dos participantes “ De dois a três comprimidos/cápsulas”; e por fim, 3,8% usam “Mais de quatro comprimidos/cápsulas”. Em relação à frequência semanal de quando faz o uso de medicamentos foi encontrado: “De uma a três vezes por semana” (81%), “De quatro a sete vezes” (10,1 %); “Sete ou mais vezes” (2,5%) dos participantes e 6,3% não responderam ao item. Um estudo realizado na Universidade Federal de Sergipe com estudantes de medicina apontou a frequência como esporádica, apenas quando apresentam os sintomas e apenas 7,6% relataram uso semanal (Araújo *et al.*, 2014). Outro estudo realizado no Distrito Federal com a população em geral apontou que 23,8% dos participantes se automedicam uma ou mais vezes durante a semana, enquanto o restante relatou ser apenas esporadicamente (Domingues *et al.*, 2015).

CONCLUSÃO

A automedicação é comum na população universitária, com destaque na área da saúde e no sexo feminino. Observamos que a acessibilidade aos medicamentos influencia a automedicação. E diversas outras fontes como familiares e amigos incentivam a automedicação por acharem que os sintomas são leves e de rápida resolução, buscando caminhos fáceis sem pensar nas graves consequências.

Dessa forma, medidas de estratégias educativas sobre o uso racional de medicamentos deveriam ser avaliadas pelas universidades, pois esse comportamento poderá refletir nos futuros profissionais que irão se tornar podendo interferir nos seus próprios pacientes e na população em

geral.

Uma das limitações da pesquisa pode ter sido o número baixo de alunos dos cursos de educação física e fisioterapia que participaram da pesquisa. Por isso, são necessários novos estudos para melhor entendimento sobre motivações, riscos e fatores associados a automedicação em estudantes universitários.

REFERÊNCIAS

ALJINOVIĆ-VUČIĆ, V. Self-Medication as a Global Health Concern: Overview of Practices and Associated Factors—A Narrative Review. **Healthcare**, v. 13, n. 15, p. 1872, 2025.

ALOMOUSH, A. *et al.* Self-Medication and its Associated Factors among University Students: A Cross-Sectional Study. **Iranian Journal of nursing and midwifery research**, v. 29, n. 2, p. 268-271, 2024.

ANDRADEJ. L. *et al.* Prevalência de transtornos mentais comuns em acadêmicos da área da saúde de uma universidade pública de Goiânia – Goiás. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, 25, e18505, 2025.

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/anvisa/pt-br/acessoainformacao/perguntasfrequentes/medicamentos/conceitos-e-definicoes/conceitos-e-definicoes>. Acesso em: 10 Julho de 2025.

CHINDHALORE, C. A.; DAKHALE, G. N.; GIRADKAR, A. B. Comparison of self-medication practices with analgesics among undergraduate medical and paramedical students of a tertiary care teaching institute in Central India: a questionnaire-based study. **Journal of Education and Health Promotion**, v. 9, p. 255-9, 2020.

DE FREITAS, J. G.A. *et al.* Uso de psicotrópicos entre acadêmicos da saúde em uma universidade pública de Goiânia – Goiás: Reflexões para a gestão da saúde pública. **ARACÊ**, v. 6, n. 4, p. 18783–18793, 2024.

DOMINGUES, P. H. F. *et al.* Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: Revisão Sistemática. **Revista Saúde Pública**, v. 49, n. 36, 2015.

ELGHAZALY, A. *et al.* A cross-sectional study to investigate the prevalence of self-medication of non-opioid analgesics among medical students at Qassim University, Saudi Arabia. **Patient Preference and Adherence**, v. 17, p. 1371–1379, 2023.

FERREIRA, F.C.G. *et al.* O impacto da prática da automedicação no Brasil: Revisão Sistemática. **Brazilian Applied Science Review**, Curitiba, v.5, n.3, p.1505-1518 mai./jun. 2021.

MATOS, J. F. *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cadernos Saúde Coletiva**, v. 26, n.1,

p.78-83.

MORAES, L. G. M. *et al.* Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, v. 16, n.3, p.167-170, 2018.

MOREIRA DE BARROS, G. A. *et al.* Uso de analgésicos e o risco da automedicação em amostra de população urbana: estudo transversal. **Brazilian Journal of Anesthesiology**, v. 69, n. 6, p. 529–536, 2019.

NASCIMENTO, C. S. *et al.* Avaliação da automedicação entre estudantes de medicina de uma instituição de ensino de Alagoas. **Revista de Medicina**, São Paulo, Brasil, v. 98, n. 6, p. 367–373, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Guidelines for the regulatory assessment of medicinal products for use in self-medication. Geneva, 2000. Disponível em: <http://apps.who.int/medicinedocs/pdf/s2218e/s2218e.pdf>. Acesso em: 07 ago 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *The role of the pharmacist in self-care and self-medication: report of the 4th WHO Consultative Group on the Role of the Pharmacist*. Haia: OMS, ago. 1998. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/who-65860> Acesso em: 03 ago. 2023.

RABELO CEZAR, G.H. *et al.* Instrumento sobre conhecimento, atitudes e práticas da automedicação em estudantes universitários. **Rev. ciência. quim. fazenda**, Bogotá, v. 3, p. 1083-1097, dezembro de 2022 .

SOUZA, J. F. *et al.* Prevalência da prática de automedicação entre estudantes de psicologia: um estudo transversal. **Revista Brasileira de Desenvolvimento**, v. 12, p. 98105–98116, 2020.

YLÄ-RAUTIO, H.; SISSALO, S.; LEIKOLA, S. Drug-related problems and pharmacy interventions in non-prescription medication, with a focus on high-risk over-the-counter medications. **International Journal of Clinical Pharmacy**, v. 42, n.2, p. 786-795, 2020.